

Preços

Anno 12\$000
Semestre 8\$000Avulso 200 Reis
Atrasado 300 Reis

AUCTORIDADE

Orgão do Centro dos Estudantes Monarchistas de S. Paulo

Redactor-Chefe: **Engelo Mendes**Redactor-Secretario: **Alvaro de Souza Queirós**

REDACÇÃO

E ADMINISTRAÇÃO

N. 2, Rua da Quitanda N. 2

Sobrado

Os originaes não se-
rão restituídos, ainda
que não publicados.

Estado de sitio

A Republica é um permanente estado de sitio; porque, tendo sido feita no dia 15 de Novembro de 1889 por um levante militar, e não tendo adquirido até hoje o apoio da nação, os governantes sentem que não pisam terreno seguro, e, a todos os momentos, e por toda a parte, só vêem conspiradores para desalojar os dos cofres publicos que espoliam a de voraz suspiros até mesmo dos correligionarios menos felizes.

Em vão procuram nas eleições o elemento popular, para poderem dizer-se consagrados pela nação: — os comícios electoraes acham-se cada vez mais abandonados e vazios, tornando necessario o serviço da penna para *actas falsas*. Durante a Republica, individuo algum pode afirmar que foi verdadeiramente eleito...

Os republicanos fizeram a Constituição de 24 de Fevereiro de 1891; mas não a cumprem, porque a violencia e a illegalidade lhes são indispensaveis para a vida. Pois quem não comprehende que se não cumprem, por falta de fé nas instituições, cavaes a ruina da Republica?

Os monarchistas não são nem podem ser amigos da Republica; mas, para quem não exclui da politica a justiça, o direito, a honra, é indubitavel que a Constituição de 24 de Fevereiro de 1891 deve garantir a todos, tanto aos republicanos como a nós. Essa Constituição não é boa para os monarchistas; porém, considerada os nossos direitos civis e politicos, ella nos basta. O que queremos é que os republicanos a respeitem, cumprindo-a em todas as suas disposições, a fim de que não se diga que ella não passa de uma espantella para os monarchistas.

Mas, não tem acontecido isso. Os republicanos a têm violado com audacia e sem o minimo escrúpulo. Os adversarios não gozam de garantia alguma; estão expostos a violencias e a defraudações de toda especie. O *marchal de sangue*, Floriano Peixoto, prova, com aplaina dos denunciantes deputados e senadores federaes, que a dictadura valia mais do que essa Constituição de 24 de Fevereiro de 1891, escurrecida, ledbrada, desprezada, annullada por elle, sob o pretexto da necessidade de consolidar a



Conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira

É o redactor chefe do *Liberdade*, orgão francamente monarchista, publicado no Rio de Janeiro desde o principio do mez passado.

O Conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira alliou sempre ao exercicio da profissão de advogado a luta politica. É natural da provincia de Minas Geraes; e terá mais ou menos cincoenta annos.

Filiado ao partido liberal, serviu varios cargos de eleição popular na cidade de Ouro Preto, onde residia.

Foi tambem deputado á assemblêa legislativa provincial; e representou sua provincia natal na camara dos deputados, desde que foi admittido em lei o systema da eleição directa.

Emerito jornalista e argucioso discutidor, tornou-se um homem necessario ao seu partido; e, por isso, mereceu ser chamado aos conselhos da Corôa, como ministro da guerra, no gabinete de 6 de Junho de 1884, presidido pelo senador Mancel Pinto de Souza Dantas, e como ministro da justiça, no gabinete de 7 de Junho de 1889, presidido pelo senador visconde de Ouro Preto. Foi, portanto, um dos ministros depositos pelo levante militar de 15 de Novembro de 1889.

É um caracter energico; e bem o mostra pelo vigor que tem sabido imprimir, com os demais redactores, ao jornal *Liberdade*. Em verdade, é incomprehensivel um jornal de combate, sem a linguagem franca e mesmo audaz dos principios. *Ser ou não ser*, — eis tudo em politica. As convicções sinceras não admittem transacção. O ministro protestante é considerado por todos mais um negociante de biblias e de joias do que propriamente um missionario.

O jornal *Liberdade* é lido hoje com enthusiasmo, porque a sua redacção está mostrando que não sacrifica a interesses somente a politica elevada da restauração do Imperio.

A mocidade academica monarchista de S. Paulo saudá o esforçado luctador. A grande causa da restauração do Imperio pede homens intemeratos.

Republica.... Mas, ao menos, para assim proceder, decretou *realmente* o estado de sitio; e, por sua conta, accrescentou as disposições constitucionaes as prisões em penitenciarias, bem como os fuzilamentos e assassinatos, com os horrores que só um espirito perverso, como o delle, poderia engenhar....

Empossado o Presidente civil da Republica, embora feita a paz, continuam os monarchistas a ser acompanhados por secretas policiaes, e ainda são ameaçados com assassinatos e com a destruição de suas typographias! Ha governo? Se ha, ou é fraco para impedir isso, ou é connivente com os que mantêm, por suas audaciosas invectivas e ameaças, essa especie de estado de sitio, que tanto nos opprime, especialmente nas provincias do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catharina....

Entretanto, os criminosos se multiplicam, os anarchistas constituem clubs, os moedeiros-falsos affrontam os poderes publicos pela importancia social de seus cumplidos, que são obrigados a tirar os das garras da policia e da espada da justiça. Mas, os secretas policiaes e os soldados estúpidos, a procura dos restauradores em conspiração.... Os agentes da segurança publica não têm outro serviço....

Os republicanos, assim procedendo, demonstram somente que os monarchistas são em verdade a nação inteira, e que a restauração do Imperio não poderá ser obstada no dia marcado pela Divina Providencia, apesar dos soldados e dos secretas policiaes.

A Republica é mesmo um permanente estado de sitio, com eleições phantasticas como as que tem sido apresentadas durante estes sete annos de desgraças nacionaes.

O povo medite; e, mesmo na miseria e na fome, comprehenda que tem o dever do patriotismo. Coragem!

Engelo Mendes

S. A. I. o Principe D. Pedro de Alcantara

—o—

O Principe Imperial D. Pedro de Alcantara, filho de S. M. a Imperatriz D. Isabel I. concluirá brevemente o curso da Academia

Militar do Newstadt, devendo em grande numero, se tinham aggre-
seguida servir como official em um regimento do exercito aus-
traco.

O feldmarechal Kask, com-
mandante daquella academia, fez
referencias muito lisonjeiras ao
aproveitamento scientifico e a
correcta conducta do nosso Prin-
cipe, durante os tres annos cur-
sados naquella importante estabe-
lecimento de educacão militar da
Austria; declarando que S. A. I.
será um official muito capaz e
zeloso no cumprimento de seus
deveres, onde quer que servir.

Nossos parabens a Augusta Fa-
milia Imperial, por ter nos pre-
parado tão escrupulosamente o
nosso futuro Imperador, D. Pe-
dro III, se Deus não mandar o
contrario.

Um ponto historico

—joi—

O bem redigido jornal dos es-
tudentes monarchistas de S. Paulo
«A Auctoridade», no seu ultimo
numero, estampou o meu retrato,
acompanhado de expressões de
conceitos immoderadamente lison-
jeiros. Penhor-me muito essa
prova de consideração dos moços
correligionarios: ella vai-me ligar
pelos laços de affecção pessoal a
gente monarchista, eu fui
elles, aos quaes já me sentia
preso pela mais viva sympathia e
admiração, deante da sua nobre
coragem e do desinteresse com
que abandonam facilidades, que
outros, menos dignos, têm encon-
trado na conquista de vantagens
pessoaes.

Entre os dizeres que a bene-
volencia da redacção publicou
sobre mim, vem este periodo:
«O retrato acima e de um
dos desiludidos da Republica.»
Estas palavras ferem-me enso-
bre de estudar uma phase interessante
da politica paulista e de esclare-
cer um ponto historico, que anda
por ali desvirtuado.

Depois do movimento militar
de 15 de Novembro, os antigos
partidos se afastaram da scena
politica, deixando o campo livre
aos republicanos historicos: então,
as posições de governo, tanto na
capital como nas localidades do
interior da provincia de S. Paulo,
foram occupadas por pessoal novo
inexperiente, e, na sua generali-
dade, composto de incapazes e de
intolerantes furiosos. Os monar-
chistas sentiram-se por toda parte
ameaçados e sem nenhuma garan-
tia; além disto, zozuravam as
mais desastrosas consequências
para a administração publica, en-
tre as taes não.

Começou, então, a formar-se
aqui na capital e no interior uma
propaganda no sentido de se
apresentarem unidos os dous par-
tidos monarchicos, para arranca-
rem a provincia do poder dos
dominadores, fracos pelo numero
e pela falta de prestigio. Esta
opinião foi tomando vulto e levou
os antigos chefes monarchistas
militantes a convocarem uma
reunião, que se effectou no edi-
ficio do Banco de S. Paulo. Esta
reunião não produziu resultados
práticos. Continuou, entretanto, a
propaganda contra a abstenção
sentida pelos os que opinavam
pela persistencia nella dos antigos
partidos. Era este o estado dos
espíritos quando se deu a revir-
volta, que abriu do poder o
partido dos chamados «generaes».

Eu estava em Oaxaca quando
foi nomeado governador de São
Paulo o dr. Americo Brasileiro;
quando voltei a esta capital, onde
me demorei apenas uns dias, de
passagem para Caltas, soube que
havia dos antigos partidos, em

grande numero, se tinham aggre-
seguida servir como official em um
regimento do exercito aus-
traco.

Nos monarchistas que tomaram
assento nesse Congresso havia tres
matizes de opinião: uns tornaram-
se francamente republicanos e
entendiam dever ser essa a forma
definitiva de governo para o Brasil;
outros não cogitavam de forma
de governo e simplesmente de
os estavam opprimindo; finalmente,
outros se conservaram intransi-
gentemente monarchistas, eu fui
do numero destes. Todos os dias,
em todas as occasiões que se
falava sobre o assumpto, eu me
manifestava claramente a amigos
e adversarios; não fiz parte de
nenhuma das commissões do Con-
gresso e evitei a tribuna, quando
nas legislaturas anteriores fui
sempre membro activo de com-
missões e frequentava assiduamente
a tribuna; não ia ao palacio
do governo, permanecia pouco
nas sessões, indifferente ao que
nellas se passava; finalmente,
deixei de assignar a Constituição
do Estado, elaborada por esse
Congresso.

Por occasião de uma das mu-
ltas conspirações desse tempo, fui
chamado a policia, e, na presença
do presidente do Estado e de
muitos situacionistas, eu disse que
não me incommodassem, a propo-
sito desses movimentos, dos quaes
eu me absteria sempre, só to-
mando parte naquelles que visas-
sem a restauração da Monarchia.
Quando falleceu o Imperador, o
exmo. sr. dr. João Mendes de
Almeida convidou pela imprensa
os monarchistas para uma reunião,
afim de se promoverem exequias
pelo finado. Compareci a essa
reunião e fui nella nomeado
membro da commissão directora
das exequias. Nestas condições
fui sempre havido por monarchista
pelos proprios republicanos, tanto
que, tendo algumas folhas accu-
sado de incoherencia correligio-
narios nesses, por terem abando-
nado a Republica, que haviam
abraçado, não vi ainda o meu
nome soffrer essa accusação.

Se faço esta rectificação histo-
rica, não é porque considere um
desar, e nem acredite que incor-
rem na pécha de incoherentes os
voltem a restaurar a Monarchia.
Estes, educados nas liberdades
e moralidade do Imperio, enten-
deram que a Republica seria re-
gimen ainda mais livre e morali-
sador; tendo verificado o seu erro,
voltam ao cultivo das suas aspi-
rações politicas, das quaes a
Republica actual é a mais com-
pleta negação. A nenhum dos
monarchistas de S. Paulo, que
sempre auxiliaram a politica
brasileira, se pôde accusar de tor-
me demorei apenas uns dias, de
passagem para Caltas, soube que
havia dos antigos partidos, em

grande numero, se tinham aggre-
seguida servir como official em um
regimento do exercito aus-
traco.

Nos monarchistas que tomaram
assento nesse Congresso havia tres
matizes de opinião: uns tornaram-
se francamente republicanos e
entendiam dever ser essa a forma
definitiva de governo para o Brasil;
outros não cogitavam de forma
de governo e simplesmente de
os estavam opprimindo; finalmente,
outros se conservaram intransi-
gentemente monarchistas, eu fui
do numero destes. Todos os dias,
em todas as occasiões que se
falava sobre o assumpto, eu me
manifestava claramente a amigos
e adversarios; não fiz parte de
nenhuma das commissões do Con-
gresso e evitei a tribuna, quando
nas legislaturas anteriores fui
sempre membro activo de com-
missões e frequentava assiduamente
a tribuna; não ia ao palacio
do governo, permanecia pouco
nas sessões, indifferente ao que
nellas se passava; finalmente,
deixei de assignar a Constituição
do Estado, elaborada por esse
Congresso.

havia, da parte de nenhum delles,
procedimento individual; houve
um movimento partidario, acen-
sado pelos chefes e resolvido
pela maioria da sorte que cada
um dos que nelle tomaram parte
desempenhou uma obrigação por-
tidaria, respectou os laços de
solidariedade, e embora alguns a
seu dever. Se se demonstrar que
aquelle movimento foi um desai-
certo, não de convir que foi um
desacerto commum collectivo, por-
tadario, que não pôde affectar ao
caracter e a dignidade de nenhum
individuo isoladamente. Ao con-
trario do que se procura insinuar,
eu penso que é dever de todos
os que acompanharam a situação
Americo Brasileiro adoptar o
partido monarchista, porque, em
frente da attitudão dos antigos
chefes monarchicos, o dever de
solidariedade politica, a lealdade
devida aos companheiros, lhes
impoe esta posição.

A. FERREIRA DE CASTILHO

(Do «Commercio de S. Paulo»)

Um ponto historico

—

Não tenho julgado opportuno
oppor contestação aos conceitos
menos exactos que se têm emitido
sobre o procedimento politico de
outros monarchistas, que julgaram
do seu dever colaborar na or-
ganização d'este Estado, depois da
proclamação da Republica.

Não posso, porém, deixar sem
reparo alguns topicos da editorial
de hoje, assignado pelo nosso
illustre amigo dr. Ferreira de
Castilho.

Se é verdade que os antigos
partidos se afastaram da scena
politica depois do 15 de Novembro,
deixando o campo livre aos republi-
canos historicos, não há negar
que—convencidos da inconvenien-
cia e inefficacia de qualquer
tentativa de movimento vi-
etorio—julgaram desde logo
mais patriótico, não só não crear
embarras a nova organização,
como, mesmo, colaborar nella,
principalmente em bem do Estado
de S. Paulo.

Neste intuito, foi feita a primei-
ra reunião dos representantes dos
outros partidos no theatro de S.
José, nesta capital, cujas delibe-
rações se tornaram bastante co-
nhcidas e foram geralmente ac-
ceitas.

Depois desta, outras reuniões
foram feitas, todas no mesmo
pensamento, e entre ellas aquella
a que se refere o illustre correligio-
nario, na qual tanto mais
accentuado se tornou o pensamento
de uma politica de collabora-
ção dos antigos partidos com os re-
publicanos, pela presença do illustre
dr. José Alves da Corqueira, Co-
sor, representante insuspeito do
partido republicano historico.

Esta posição evidenciou-se ain-
da mais, quando foi nomeado gover-
nador de S. Paulo o dr. Americo
Brasileiro, por convite e indicação
de politicos antigos, que nesse
respeito haviam sido consultados
pelo governo federal.

Contesto, portanto, que os dous
partidos se houvessem proposto
arrancar o governo do poder dos
republicanos, os seus intuitos
foram sempre auxiliar a politica
republicana, com toda a lealdade,
sem ambições pessoais e sem
preocupações partidarias.

Dahi resultou esse conjunto
de matizes diferentes, que formou
o Congresso Constituinte do São
Paulo, e em que todos, honra

mente, cumpriram os seus deveres,
sem o repulso de sues convicções
pessoaes.

Como outros, confesso, que
transigi lealmente com as insti-
tuições resultantes do golpe de
15 de Novembro na esperança de
que, sob o influxo do espirito
moderado dos adeptos da monar-
chia, possassem ellas nos dar uma
boa forma de governo, com as
amplas reformas liberas que já
eram programma nosso na mo-
narchia.

Afastemo-nos, afinal, desiludido
com a inefficacia da nossa inter-
ferencia; por um lado, os nossos
conselhos eram recebidos com
suspensão, mesmo por aquellos a
quem mais auxiliavamos; por outro
lado, nos sentiamos impeditos
pela disciplina de origem na Republica,
instrumento dos odios, ambicões
e tyrannia dos seus adeptos.

Está feita a experiencia da
forma republicana entre nós; o
patriotismo impõe-nos hoje o dever
de pugarmos pela restauração
da monarchia, como a unica
esperança de liberdade, engran-
decimento e integridade do Brazil.
Com estas minhas ligeiras pon-
derações, tenho o intuito de
resalvar a posição assumida pelos
adeptos do antigo regimen neste
Estado, e, ao mesmo tempo,
apoiar o appello patriótico contido
no final do vosso editorial de hoje.

AUGUSTO DE SOUZA QUEIROZ

(Do «Commercio de S. Paulo»)

Moreira Cesar

—o—

Vem-nos do Rio de Janeiro a
sensacional noticia de que, logo
que fiquem installados o respectivo
quartel n'esta capital, será trans-
ferido de Santa Catharina para
aqui o 7.º batalhão de infantaria
do exercito, cujo commandante é
o sanguinario e assassino Moreira
Cesar.

Com o auxilio de Deus, imitan-
do a David, que, ainda joven
estendeu em terra o gigante Go-
liath, pretendemos mostrar a esse
sicario official, protegido dos ge-
neraes de S. Paulo, de que não
se faz uma conda...

Mas, creiam os generaes que
nós, a mocidade do «Centro dos
Estudantes Monarchistas de S.
Paulo», não nos contentaremos
com essa Moreira Cesar, bandido
fardado, e ainda impune de seus
crimes em Santa Catharina.

Corresponderemos a solidarie-
dade que elles e o Sr. Dr. Pre-
sidente de Moraes ostentam ter
com aquelle matador de brazilei-
ros; trazendo-o para aqui, tor-
nando sujeitos a solidaria-
da punição a elle infligida, como
legitima defesa.

Não o juramos.

Venha elle!

Concussões e roubos

Ha muito tempo que foram de-
nunciadas grandes ladroenias na
Estrada da Ferro Central e na
Casa da Moeda.

Ha muito tempo que foram de-
cobertas na Caixa de Amorti-
zação emissões illegaes de milha-
res de contos de reis.

Ha muito tempo que o Ministro
da Fazenda poz a nu as relações
de contas correntes entre varios
officiaes do exercito e o Thesouro

Nacional, iniciadas durante a dic-
tadura de Floriano Peixoto, a bem
da «consolidação» da Republica.

Ha muito tempo...
Para que mais accusações?
As supramencionadas seriam
sufficientes, em qualquer paz de
governo organizado e serio, para
dejar as penitenciarias os con-
cussorios e prevaricadores. Aqui
não forma de governo, com as
amplas reformas liberas que já
dentro da Republica e os seus
ministros conhecem todos esses
factos deploraveis, mas fazem-se
cegos e surdos, pelo receio dos
jacobinos, a cujos clubs os cri-
minosos são filiaes...
E uma tristeza tudo isso. O
Brazil não tem governo. Qualquer
pobre africano é melhor adminis-
trador.

Pobre Brazil!

A Italia e a maçonaria

Segundo declarações feitas no
senado e na camara dos deputa-
dos, o actual ministro italiano entende
que a maçonaria, como sociedade
secreta, será uma ameaça con-
stante a paz publica na Italia. O
marquês de Rudini, presidente do
conselho, accrescentou que não
a temia, só esperando o momento
opportuno para combatela.

Vae, pois, começar na Italia
uma luta do governo contra a
revolução, cujas consequências
não é permitido prever. Entre-
tanto, se o Rei Humberto I não
fagocitar, e quizer aproximar-se
do Santo Padre, me hante concessões
necessarias, é heito esperar
melhor futuro para a Italia.

A Inglaterra e os catholicos

Os ultimos telegrammas trazem
uma noticia, que não pôde deixar
de agariar aos catholicos. O almirante
Seymour, commandante da
esquadra inglesa que anda a vis-
tar os portos da Italia, pediu o
baptismo de Santo Padre para ouvir
uma missa pontificia com mais de
quinhentos marinheiros dos seus
navios.

Ao passo que militares de uma
nação sujeita aos protestantes
anglicanos, procuram para os seus
subordinados catholicos o consolo
da Religião que estes professam,
aqui no Brazil os governantes
d'esta Republica catolica impedem
que os soldados, catholicos na
sua generalidade, pratiquem os
deveres derivados de sua fé re-
ligiosa!

O ex-presidente deste denom-
nado Estado de S. Paulo mandou
censurar soldados de policia que
se ajoelham quando por elles
passava o sacerdote com o Sa-
grado Viatico. E ainda ordenou
que o caso fosse explicado ao
jornal protestante, publicado nesta
capital, que fizera o reparo do
facto, visto estar separada do Es-
tado a Igreja!

O melhor em todo isso é que
jornaes, redigidos por catholicos,
não censuram a bernardice...

Deve ou não deve?

O Estado de S. Paulo annu-
ciou que a União deve a S. Pau-
lo uns tantos milhares de contos
de reis. Mas, o general Glycerio,
em nota mandada ao Jornal do
Commercio, assevera que, ao
contrario, ha o saldo de mais de
mil contos de reis em favor da
União.

É verdade que, na conta especial dos impostos cobrados pela União, durante o exercício financeiro findo, ha um saldo de mais de cinco mil contos de reis a favor de S. Paulo, segundo affirmou na mesma nota o mosmissionario general.

Mas, dizem nos, que a União tem a encontrar com esse saldo de imposto do café o que o Estado de S. Paulo tem cobrado indevidamente do imposto de selo, do imposto de industria e profissão, do imposto atazado de transmissão, do imposto de registro, etc. A ser assim, essa liquidação será bem delongada; prejudicando assim o regimen federativo.

Apurem bem tudo isso, porque o saneamento e a verba dos secretarias exigem mais dinheiro, para serem mais propagadas as epidemias e mais multiplicados os crimes.

Quem dever, pague logo. Não se admitte cantigas de mau pagador.

O que nos vale é que o general Glycerio protegerá o erario paulista. Elle é o dono do açougue Republica!

Rosa de ouro

Os jornaes europeus, julgando-se bem informados, noticiam que, este anno o Santo Padre offerecerá a S. A. R. D. Maria Luiza de Bourbon, esposa do Principe Fernando da Bulgaria, a *Rosa de Ouro*.

Como se sabe, o Principe D. Fernando cahiu em heresia, fazendo rebaptizar seu filho ainda menino, na falta religião russa orthodoxa. Mas, Sua Alteza Real D. Maria Luiza de Bourbon, fiel as tradições religiosas de sua familia, deixou o palacio com o filho menor, e foi á Rome buscar junto do Santo Padre conforto para tamanha desgraça.

A *Rosa de ouro* não pode ter melhor destino. E' uma mãe afflicta, por ver seu filho, ainda inconsciente, servindo de pasto ás ambições politicas do pai. Infeliz mãe!

Padre falso

Ha duas mezas, mais ou menos, andava por esta cidade, e por povoações servidas pela São Paulo Railway, um italiano, revestido de habito sacerdotal usado pelos padres catholicos, e com uma Cruz ao peçoço, mostrada sobre o peito. Nas povoações do Rio Grande, Ribirão Preto, e outras, celebrava missas, ouvia no confessional a muitos penitentes, beczou agua e unction, e parecia que baptizava e celebrava casamentos.

A policia, tendo conhecimento desse grave abuso, mandou prendelo, sem duvida para processalo. Mas, alguém lembrou-se de aproveitar os sentimentos adversos de alguns ministros do Tribunal de Justiça, e requereu para o supposto padre *habeas corpus*. E' escusado dizer que, na sessão do Tribunal de Justiça, foi aduzido que, sendo livre, o exercicio de qualquer profissão podia apresentar-se em publico como padre catholico, e perceber as vantagens pecuniarias e honorificas dessa posição.

Logo que na Policia foi sabido que no Tribunal de Justiça se dixerá tamanho despropósito (ho offensivo á Religião quanto á

Leis), foi dada ao homem a soltura, independente do *habeas corpus*.

Será possível que no Tribunal de Justiça e na Policia fosse ignorado o disposto no art. 338 § 10 do Código Penal, que é expresso para o caso?

O resultado foi que o homem, sabendo da prisão, embora *exclonatorio*, continuou a sua profissão. De certo, tendo ficado muito conhecido nesta capital, foi por ali alem á cata de tolos para enganar.

Não nos consta ter sido tomada até hoje a necessaria providencia: e esta torna-se urgente, como é intuitivo.

Moedeiros falsos

Parece que se prepara a soltura dos moedeiros falsos, mediante *habeas corpus*, por negligencia em ser feito o summario da culpa!

Mas, quem é o responsavel por este facto? Pois isto é serio?

As ultimas noticias dão como adiado o summario da culpa, visto que foi requerido aquelle *habeas corpus*!

Realmente, esta Republica, de *forma impeccavel*, satisfaz a todas as degradações sociais. A sua Policia e a sua Justiça prendem e retém durante mezes monarchistas; mas, tratando-se de ladrões, de assassinos, de moedeiros falsos, e mais sucia do *ideal republicano*, não ha mais de punilismo, por que os summarios se paralisam, dando motivo aos *habeas corpus*!

Aos moedeiros falsos, visiveis e invisiveis, os nossos cumprimentos. Brevemente farão mais plena assembleia geral para eleição da directoria, que ficou adiada pelos presentes, á espera dos bons companheiros ainda em prisão. Que grandioso *ideal republicano* o de bater moeda?

Rabiseos philosophicos

Não passou-se ainda um seculo, em que a Igreja Catholica não tivesse de lutar contra inimigos os mais rancorosos; mas tambem não passou-se um seculo, em que ella não ganhasse as victorias mais admiraveis.

O racionalismo puro, cujos effeitos desastrosos a sociedade hodierna ainda soffre encontrou em si mesmo a morte. Para substituido na luta satanica contra a Igreja formase, e pouco a pouco desenvolve-se um inimigo mais habil, porque procura revestir de caracter scientifico suas doutrinas, talvez mais prejudiciaes que a philosophia do seculo dezoito. Spencer, Comte, Artigao, Wundt, e outros, applicando o methodo experimental ao estudo moral e social do homem, procuram a todo o custo acabrunhar as doutrinas religiosas, substituindo-as por principios que, segundo elles, são resultado de investigações tão rigorosas como as que se fazem nas sciencias physicas e mathematicas. Mas haverá realmente um conflicto entre as sciencias moraes e sociais e a Religião? E' compete discutir, todavia não será ridiculo expormos aqui algumas ideias colhidas em livros auctori-

sados.

pode aceitar como verdade scientifica o que nos demonstram a observação e a experiencia.

Será este um principio verdadeiro?

Uma rigorosa analyse nos habilita a responder negativamente. De facto é uma verdade que a imagem immediata da realidade objectiva dos seres não pode ser transmittida intacta pelo complicado vehiculo dos sentidos ao espirito humano. Em apoio d'esta affirmção vamos invocar a auctoridade de Mr. Balfour, que segundo a opinião respeitavel, é um rival não indigno de Herbert Spencer.

Entre as impressões cerebraes e os objectos, diz o sabio inglez, ha uma complicada successão de causas e resultados, acções e reacções, em cujo curso a verificação scientifica descobre, a cada passo, as maiores discrepâncias entre a realidade objectiva e as formas sob que a apprehende o espirito humano. Nove decimos da nossa experiencia, continua elle, assentam na observação visual, e, entretanto, scientificamente, o testemunho visual é sempre erroneo.

A cor, por, ex não é propriedade dos objectos, contra o que os nossos olhos nos attestam. A coloração é simples effeito das ondulações do ether, que sobre as coisas reflectem; e estranha a estas. Entretanto, pelo simples testemunho da vista ninguém affirmaria que a cor não existe no objecto. Ora, se isto se dá em um phenomeno tão elemental, quanto erroneos não serão os resultados da applicação do methodo experimental ao estudo moral e social do homem? E' claro, pois, que o methodo experimental só poderá servir de base para o mais incompleto, erroneo e de feito dos systemas philosophicos.

Isto posto não podem deixar de ser falsos os principios fundamentais da philosophia naturalista, ou, si não são falsos, estão longe de satisfazer as supremas necessidades do espirito. E' o que facilmente verificamos, si consultarmos a philosophia de Spencer, o maior representante do moderno naturalismo. De facto as noções de espaço, tempo, materia, movimento e força são para aquelle philosopho inacessiveis ao pensamento. Não se pode considerar o tempo e o espaço como objectivamente existentes; nem se pode affirmar com Kant que são formas do entendimento, condições do espirito consciente; visto como, sendo a consciencia de ambos impraeindivel, elles são tambem objecto do pensamento, o que é um absurdo.

O espaço e o tempo são, pois, incompreheensiveis. A mesma ignorancia reina a respeito da materia, do movimento e da força. As tres hypoteses que se têm formulado a respeito da materia, a da continuidade, a atomica e a de Boscovich (que afirma serem as partes constitutivas da materia centros de força, pontos sem dimensão, que se attrahem e se repellem mutuamente) são insustentaveis, pois que contem contradicções insolúveis. O movimento é inconcebivel; tambem é inconcebivel o absoluto; tambem é inconcebivel que o movimento é a passa-gem de um lugar para outro, o paeir por falta de tempo e de espaço, tem formula definida que ponha interesse ao fim que tem em mente é lei de redistribuição continua de materia e movimento. E' d'este modo está preenchido o intento da philosophia, pois que conseguiu firmar os principios de um mais generos. Si nada podemos conhecer em sua natureza intima, si conhecer uma verdade é referir-la á verdade mais geral a philosophia com seus principios, que acabamos de enunciar, tem chegado á consciencia do seu fim ultimo:

não podemos pensar. As manifestações da Inconscivel se separam em duas series, que constituem, uma o mundo da consciencia, outra o mundo exterior á consciencia.

A primeira serie compõe-se de manifestações fracs; a segunda de manifestações vivas (distinguidas de-se umas das outras por caracteres, que não expomos por brevidade). As manifestações vivas mantêm entre si uma cohesão segundo certos modos invariaveis; entre as fracs, que são producto das vivas, ha modos de cohesão correspondentes. Os modos de cohesão, sob os quaes as manifestações se representam invariavelmente, considerados de per si, chamam-se espaço e tempo; considerados ao mesmo tempo que as manifestações em si chamam-se materia e movimento. A força é o principio dos principios, só pode ser considerada como o effeito condicionado de uma causa incondicionada, como a realidade relativa que nos indica uma realidade absoluta que a produz directamente; é a incongnita em função, ha qual se podem exprimir os valores da materia e do movimento, a simplificação ultima da intelligencia. Postas estas noções fundamentais, que são as mais simples, o philosopho do Inconscivel passa a principios, que unem os phenomenos concretos pertencentes a todas as divisões da natureza, e que, segundo nos diz elle, ou podem se verificar pela observação e a experiencia, ou são deducções de verdades necessarias, que, acompanhando a evolução mental, pouco a pouco vão se impondo á consciencia. Taes são os principios da indestructibilidade da materia, da continuidade do movimento, persistencia da força, e, como corollario d'este, o da persistencia das relações entre as forças. Uma das leis mais geraes que regem o mundo phenomenoal é, segundo o philosopho inglez, a da transformação e equivalencia das forças: o calor, luz, electricidade, movimento, vida, pensamento, força social, não são mais do que modos do Inconscivel, os quaes se transformam uns nos outros. O caracter da universalidade encontrase tambem na lei da direcção do movimento, este segue a linha da mais fraca resistencia, ou da maior tracção, ou a resultante destas duas forças. Afinal o rhythmo se impõe universalmente: desde o lento movimento giratorio das estrellas até as oscillações de uma rapidez inconcebivel das moleculas, desde as mutações que apresenta a terra até os ventos marcos e ondas, todos estes movimentos, dominam as leis do rhythmo. Estabelecidos esses principios universaes, a philosophia de Boscovich d'este nome precisa subir á lei suprema, isto é, uma lei de combinação dos phenomenos, que exprime a consequencia combinada das acções que os principios precedentes exprimem separadamente. Esta lei, principio dynmico que exprime as consequências mutações das relações dos objectos, e cuja applicação aos mundos inorganico, organico e superorganico não podemos acom-

panhar a evolução mental, pouco a pouco vão se impondo á consciencia. Taes são os principios da indestructibilidade da materia, da continuidade do movimento, persistencia da força, e, como corollario d'este, o da persistencia das relações entre as forças. Uma das leis mais geraes que regem o mundo phenomenoal é, segundo o philosopho inglez, a da transformação e equivalencia das forças: o calor, luz, electricidade, movimento, vida, pensamento, força social, não são mais do que modos do Inconscivel, os quaes se transformam uns nos outros. O caracter da universalidade encontrase tambem na lei da direcção do movimento, este segue a linha da mais fraca resistencia, ou da maior tracção, ou a resultante destas duas forças. Afinal o rhythmo se impõe universalmente:

desde o lento movimento giratorio das estrellas até as oscillações de uma rapidez inconcebivel das moleculas, desde as mutações que apresenta a terra até os ventos marcos e ondas, todos estes movimentos, dominam as leis do rhythmo. Estabelecidos esses principios universaes, a philosophia de Boscovich d'este nome precisa subir á lei suprema, isto é, uma lei de combinação dos phenomenos, que exprime a consequencia combinada das acções que os principios precedentes exprimem separadamente. Esta lei, principio dynmico que exprime as consequências mutações das relações dos objectos, e cuja applicação aos mundos inorganico, organico e superorganico não podemos acom-

panhar a evolução mental, pouco a pouco vão se impondo á consciencia. Taes são os principios da indestructibilidade da materia, da continuidade do movimento, persistencia da força, e, como corollario d'este, o da persistencia das relações entre as forças. Uma das leis mais geraes que regem o mundo phenomenoal é, segundo o philosopho inglez, a da transformação e equivalencia das forças: o calor, luz, electricidade, movimento, vida, pensamento, força social, não são mais do que modos do Inconscivel, os quaes se transformam uns nos outros. O caracter da universalidade encontrase tambem na lei da direcção do movimento, este segue a linha da mais fraca resistencia, ou da maior tracção, ou a resultante destas duas forças. Afinal o rhythmo se impõe universalmente:

a unificação completa do saber humano. Estão traçados os limites, que separam a sciencia da ignorancia. Gruppulo relações particulares de phenomenos sob leis, e estas leis sob outras mais geraes, a sciencia dava chegar ás causas mais abstractas, contentando-se com as explicações proximas e relativas, e abandonando a religião do absoluto.

José Augusto Cesar

Continua

ICARO

—Alma que o soffimento desatina,
Cansado de gyrar sobre esta esphera;
—Coração que a tristeza dilacera,
Rasgo o opio que o sonho me propina.
Ouço então a mulher que me allucina
Dizer-me o que lhe ouvieu bem quizeram...
Mas sonho... E si! do reverso quem me
dera

Desse sonho, não vêr a mio ferina!
Falla-me e fuge... Sigo-a, sem revelar,
Ouvindo palpar, em cada estrellita,
Mil corações, que, por inveja, a occultam
E, fulgindo, ciãos, me descllam
As azas que, de chamma em chamma,
rôlam
Sob estrellas e estrellas que as sepultam...

A. B. PEREIRA

Novo bispo

Tendo sido separada da diocese do Rio de Janeiro a provincia do Espírito Santo, a fim de constituir outra diocese, acaba de ser nomeado bispo d'ella o rev. conego João Baptista Correa Nery, vigário da matriz de N. S. da Conceição, de Campinas, n'esta provincia e diocese de S. Paulo.

«Gazetinha»

Todas as vezes que lêmos a *Gazetinha*, organo do povo, publicada na cidade de Guaratinguetá, degraos o civismo dos seus redactores unidos ao seu director, que não comprehendem a inercia, para não dizermos *submissão*, dos que são obrigados, por sua posição social, a affrontar as iras da Jacobinada.

Enviamos-lhes daqui os nossos emboras.

Instrução Publica

—0—

O primeiro cuidado que tem os nossos ras, quando aqui chega algum deputado pelo Amazonas, algum vice-presidente da Republica, ou algum ex-governador de Minas, é mostrarlhes a escola normal e alguma escola modelo.

Os visitantes ficam admirados. Como é bello o edificio da Escola Normal, com que cuidado é tratado o seu jardim!

Que felicidade para os ricos, dizemos nós, que felicidade para os deputados, amadores, ras, ricos etc. que tem escolas onde seus filhos aprendem a custa do Estado.

As escolas para os pobres, isto é, para a classe que não tem gravatas nem bonitos sapatos, os nossos reis não mostram aos visitantes.

O pobre, esse, vê seus filhos expulsos das escolas, porque não tem gravatas nem sapatos de luxo.

Para provar o que dizemos, vejamos o telegramma que de Amparo foi dirigido à *Platão* (orgão republicano, e portanto insustentado).

Amparo, 25.

« Platão »

S. PAULO.

Por não estarem calçados engratados, foram expulsos grande numero de meninos pobres que frequentavam o grupo escolar Luiz Leite, o unico estabelecimento de instrucção publica que aqui ha.

Pedimos providencias.

Providencias??

Pois então não está creado o grupo escolar do Amparo?

Aciso não tem o grupo um director, secretarios, amanuenses, praticantes, porteiros, continuos varredores etc., que vencem 600, 500, 400, 300, e 200 mil réis mensaes?

Não está creado o ninho de guerreiros que uzam as armas de *general Mallet* nos combates electoraes.

Que outras providencias poder dar o governo republicano??

F. Louro

Chronica

Não ha cidade que, como S. Paulo, se preste, pelos acontecimentos que occorrem durante a semana, a acontecimentos que por si só valem mais que o entreccho comico de uma peça de Molière a ser explorada, por espirito fino

de um chonista mordaz e engraçado.

Entretanto, se para o chonista dotado dessas qualidades, os acontecimentos semanais da velha Pátria são de facil exploração para mim, simples *amador* (pela *história*, na expressão do Leopoldo) na extrema dificuldade, não se em exploração, mas ainda em despejo do sobre o papel, vestidos no rigor de moda, isto é, com a tunica dourada da phrase fina, elegante, harmonica e burlesca.

Mas, a pesar dessa dificuldade, eu sahi na arena da *chronicologia*: não julgue o leitor que pretendo um nome entre os chonistas, eu por praticar na arte de ser engraçado, não; o meu unico desejo, o meu unico fim e maior, é mais serio: e cacear o leitor *inculto*, é amollar os *poetas*, é enfurecer os burguezes que, enganados pelo toucado pomposo de *Chronica* (que colloquei na cabeça deste artigo, forem victimas deste conto do *vigarista literario*).

E' uma peça de 1º de abril pregada a 14 de Junho...

Porém, se ao acaso (duvido bastante) algum benevolente e caridoso leitor se engraça de *destas mal bacadas linhas* (escapa no. 1) cavalheiramente, como cumpre a um nobre como eu, efferecer-lhe-hei o meu braço, para que enlaçados, illuminando um com seus dotes intellectuaes a critica do outro, possamos apreciar com o devido criterio os acontecimentos que constantemente tem por scenario S. Paulo.

—o—

Entremos por enquanto em uma casa grande situada em um das ruas principaes...

A' uma meza de trez metros pouco mais ou menos de extensão em cujo centro ha uma grande roda numerada e uma bolinha a girar, acha-se sentada uma turma enorme de individuos representando todas as classes sociais: aqui um gatuno, alli um secreta, lá um bicharel, acilá um official graduado do ex-ercito, adiante um fazendeiro, um negociante, um capitalista, um chefe politico, etc.

Aqui, leitor amigo, jogase estupidamente, explora-se a todo o mundo, rouba-se infamemente; não ha vergonha, não ha sentimentos, não ha moralidade... Tudo se resume em *ganhar* e em *perder*:

ha febre, ha excitação, ha fogo, ha loucura...

Saiamos, leitor, saiamos... Ah! São Paulo! S. Paulo!

—o—

E' noite; embagados em nossas capas, caminhamos, atravessamos uma rua principal de um populoso arrabade desta miziz terra.

Entremos, leitor amigo, em uma casa grande que fica nessa rua. Ah! ha de tudo: todos os vicios, todas as ramoralidades, todas as intampas...

Ha ali tambem representantes de todas as classes sociais; ha uma salada, uma mistura completa, a mais vergonhosa igualdade. Ninguém zela o nome que herdou; o filho de familia, que embora se achisse perdido, devia ter um pouco de vergonha, não cora de assentar-se ao lado, na mesma meza, em commum, com um cafeten com um secreta, coa um vagabundo...

N'esta casa tambem se joga: é um antro de perdição, é um covil de assassinos... A alma da gente sente-se esmagada, e o homem se acovarda ao entrar nesse recinto... Ha nelle uma atmospheria pesada que dá nos a ideia de um mixto de luto, de orgia, de depravação e de alegria...

Saiamos, leitor, saiamos... Ah! S. Paulo! S. Paulo!

E, até mais vez.

Phosphoriel

MARIA

—o—

Recebemos as seguintes ingenuas quadrinhas, que nos apressamos a publicar:

Maria, minha formosa,
Maria do coração,
E's mais linda que uma roza,
Mais linda do que um botão

Colhia alegre e sosinha
Lindas rosas no jardim,
E nas faces tambem tinha
Rosas da cor de jasmin,

Murmuro:—Que bellas rosas!
Qual d'ellas, amar, me dás?
As das faces primorosas
Ou essas que unindo estás?

Ella fitou-me, sorrindo,
E ainda mais enrubeceu.
Depois, ligeira, fugindo,
De longe me respondeu:

—Não dou-te as rosas das faces.
Nem as que tenho na mão:
Daria, se me estimasses,
As rosas do coração.

MAGDALENA, PAULINA & LECCADIA
(Da « Tribuna do Povo », de Santos)

—o—

ROSA

Rosa colhia sosinha
Lindas rosas no jardim:
E nas faces tambem tinha
« Rosas da cor de carmin. »

Cheguei-me e disse-lhe: Rosa
Qual dessas rosas me dás?
As da face primorosa
Ou essas que unindo estás?

Ella fitou-me sorrindo;
Inda mais enrubeceu:
Depois, ligeira, fugindo,
De longe me respondeu:

—Não dou-te as rosas da face
Nem as que tenho na mão...
Daria, se me estimasses,
As rosas do coração!

Affonso Celso Junior

Ora, quer-nos parecer que, sendo antigas as mimosas quadras de Affonso Celso Junior, o collega de Santos foi mais *ingenho* que as muito *ingenhas* senhoras Magdalena, Paulina & Leocadia.

Agora, só nos resta dar um conselho: — a senhora Magdalena, por ter assignado em primeiro lugar, se arrependa, e não caia noutra!

«Rio de Janeiro»

Orgão genuinamente monarchista

Sob direcção

de

Dr. Cavalcanti Mello

Começou sua publicação na Corte, ou Rio de Janeiro, a 3 de Setembro de 1894.

O segundo jornal monarchista que appareceu depois da catastrorophe nacional de 15 de Novembro de 1889.

Publica-se diariamente

Assignaturas para as provincias

Por um anno . . . 28\$000
Por seis mezes . . 14\$000

Assignaturas para a Corte

Por um anno . . . 24\$000
Por seis mezes . . 12\$000

Assignaturas para o estrangeiro

Só por um anno . . 50\$000

ESCRITORIO E REDACÇÃO

53 RUA DOS OURIVES 53

(SOBRADO)

Rio de Janeiro

Unico agente n' esta Cidade a

« Redacção da Auctoridade ».

Rua da Quitanda 2-Sobrado
S. Paulo

Typ. Schettini

Rua da Gloria 107

O. P. C. Previti (17)

O ANJO DA TORRE

narrativa

do tempo de Isabel, rainha d' Inglaterra
tradução de

A. MOREIRA BRITO

CAPITULO III

Fazenda de contrabando

—Tendes uma luz escondida debaixo do brago, — lhe disse.

—Eu? — balbucou Slet, evidentemente surprehendido.—Oha! tem para mim: tenho acoso, disse pontifex para ser transparente?

—Então, é uma lanterna de furtividade.

Slet, julgando imprudente dissimular mais, foi espontaneamente ao encontro das investigações que o capitão estava disposto a fazer, sentou nos hombros da chalupa, e, sem cerimonia, no corpo cujo chefe lhe dirigiu a palavra: Tiroi do bolso uma lanterna nas termas que Slet empregara munda de um alvetro movel, ao chegar:

conveniente de longo alcance.

—Fiz talvez mal em não volar mostrar logo, — disse forçando por sorrir; — é um signal convencional entre nós e os nossos amigos.

—Ou os nossos inimigos, — murmurou Campian.

—Demais, — acrescentou Slet —já não preciso d'ella, pois fomos avistados.

Com effeito, uma chalupa bastante grande largara da margem, e se aproximava a força de remos; já era demasiado tarde para virar de bordo.

O capitão agarrou no traidor e, apesar dos seus protestos, chamou por um dos marinheiros em quem sabia poder confiar.

—Mettemos este homem no porão, depois pôde prompto a obedecer-me, tu e os teus, com pancheiros, previne os a todos.

Então, elle, proprio, se apressou a fazer, sentou nos hombros da chalupa, e, sem cerimonia, no corpo cujo chefe lhe dirigiu a palavra: Tiroi do bolso uma lanterna nas termas que Slet empregara munda de um alvetro movel, ao chegar:

Tendes fazenda de contra

bande? Mostrae-me o vosso livro de bordo.

Mas o astuto capitão teve a prudencia de apresentar um registo differente do que tinha o selo do conde de Bighon.

O homem que fizera as perguntas declarou-se mui longe de estar satisfeito; mandou amarrar na popa da barca e escalou o navio com um bando de homens armados, que subia a vinte ou vinte cinco pelo menos.

—Vós tendes outra coisa a bordo? tendes outra coisa, — disse.

E começou a examinar, uma a uma, todas as pessoas presentes, e a revistar todos os cantos.

Elimundo Campian, sempre como negociante irlandez, offereceu-se audazmente ás suas investigações, sob o pretexto de lhe as facilitar.

O senhor é evidentemente do serviço da alfandega, — dizia, — cumpre o seu dever, e o interesse do negociante é auxiliá-lo, para evitar a multa. Venham comigo debaixo da chalupa

gentlemen, e ficarão plenamente satisfeitos.

Os revistadores, não julgando conveniente desmascarar-se ainda regeitando a qualidade que se lhes attribuia, seguiram Campian, que lhes fez passar successivamente pela vista tudo quanto constituia o carregamento apparente do navio.

—Goddam! — exclamou o chefe, cujas expressões, como se vê, não eram nada escolhidas; — basta d'estas cantigas. O que eu procuro, são conspiradores, traidores, inimigos da Rainha. Sei que os ha, e prendo vos, a vós primeiramente, que procuraes metter-me gato por lebre.

—Inimigos da Rainha! conspiradores! traidores! — respondeu olhares de inveja que não foram de Campian com perfeitá serenidade: — será por ventura este vinho de França? a não ser que pre provar o que se lhes apresentava, tendes que elle trahiu o seu paiz depois pediram elles proprios selo: — tal é o crime de que o pediram nada e tiraram espontaneamente, não o nego, eu que sou lealmente e a compita uns com seu complice, mas não nos com os outros.

Continua